

**Da Tenda ao Calvário:
o novo culto inaugurado por Cristo,
Sumo e eterno sacerdote,
segundo a Epístola aos Hebreus**

**From the tabernacle to calvary:
the new worship inaugurated by Christ,
high and eternal priest,
according to the Epistle to the Hebrews**

Fecha recibido: 12/06/2025 - Fecha publicación: 29/07/2025

**Miguel Soares dos Reis¹
Adilson da Rocha²**

Resumo

A Epístola aos Hebreus, diferentemente de todos os escritos sagrados, é a única que caracteriza Jesus Cristo como Sumo e Eterno Sacerdote. Nesse sentido, os elementos que emergem deste escrito possibilitam uma análise teológica do culto hebraico que, encerrando-se em si mesmo e sendo incapaz de transformar as consciências (Hb 9,9), cede lugar ao novo rito, inaugurado por Cristo no Calvário, sobre o altar da Cruz. Por isso, Cristo é invocado, pela força de seu sacrifício irrepetível e eterno, como sacerdote dos bens futuros (9,11), pois, por sua obediência e solidariedade, alcançou a eternidade para a humanidade. Assim, todo o ritualismo vazio que ocorria na Tenda — e que, em vez de unir, separava os homens de Deus — dá lugar ao novo culto, que se inaugura a partir da

1 Seminarista da Diocese da Campanha/MG. Bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica de Pouso Alegre. Licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis (2023). Pouso Alegre/MG – Brasil. E-mail: miguel.s.reis@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2306867310677521>. ORCID: 0000-0001-5301-9168.

2 Padre da Arquidiocese de Pouso Alegre/MG. Possui graduação em Teologia pela Faculdade Católica de Pouso Alegre (2010) e Especialização em Hermenêutica Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC/MG (2014) e mestrado pela Pontifícia Università Gregoriana di Roma. Coordenador do curso de teologia e professor de Sagrada Escritura na Faculdade Católica de Pouso Alegre (FACAPA). Pouso Alegre/MG – Brasil. E-mail: adilsondarocha@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0796774719932623>. ORCID: 0009-0001-6895-3989.

Cruz, pois, ao rasgar o véu do santuário, o humano e o divino se unem, abrindo o caminho para o Santuário celeste, mediado por Cristo.

Palavras-chave: Sacerdócio; Sacrifício; Culto; Solidariedade; União.

Abstract

The Epistle to the Hebrews, unlike all other sacred writings, uniquely characterizes Jesus Christ as the High and Eternal Priest. In this regard, elements derived from this text allow for a theological analysis of Hebrew worship: having become self-enclosed and incapable of transforming human consciousness (Heb 9:9), it gave way to a new rite inaugurated by Christ on Calvary, at the altar of the Cross. Thus, Christ is invoked—by the power of His unrepeatable and eternal sacrifice—as the priest of the good things to come (9:11), for through His obedience and solidarity, He attained eternity for humankind. Consequently, the empty ritualism that took place in the tabernacle, which separated humanity from God rather than uniting it, yields to the new worship inaugurated from the Cross. By tearing the veil of the sanctuary, the human and the divine are united, opening the way to the heavenly Sanctuary, which is mediated by Christ.

Keywords: Priesthood; Sacrifice; Worship; Solidarity; Union.

Introdução

Os escritos veterotestamentários enfatizam e descrevem com grande apreço a figura do sacerdote, pois sua missão era de mediar a relação entre Deus e o homem, bem como a restabelecê-la quando rompida pelo pecado. Contudo, ao longo da história percebeu-se que, apesar do esforço, o culto e os sacrifícios não alcançavam mais seu objetivo, bem como seus efeitos, pois não purificavam as consciências dos homens que lhe prestavam culto (Hb 9, 9), mas estavam concentrados apenas no ritualismo externo e na obediência da lei em si mesma, resultando em uma hipocrisia religiosa.

A mediação que deveria proporcionar a união entre os homens e Deus não existia, pois com os corações distantes e infiéis ao Senhor, os sacrifícios do povo não eram agradáveis. Além disso, o sacerdócio tornou-se motivo de separação, não de união. Separou-se os sacerdotes do povo e, por fracasso e corrupção dos princípios sacerdotais originários, o povo separou-se de Deus. Todo culto, por mais belo e fiel às prescrições, não

alcançavam a Deus. Portanto, a “Lei, o Culto, o Sacerdócio da Antiga Aliança estavam ligados à ordem visível, do carnal, do perecível” (Terra, 1979, p. 126).

Em Jesus Cristo, Sumo e eterno Sacerdote, tudo que era velho torna-se novo. Apesar de não se enquadrar, aos moldes da cultura hebraica, ao perfil sacerdotal, sua vida configurou-se como oferta agradável a Deus, que teve sua oblação no altar da cruz. Através deste evento salvífico inaugurou-se um novo culto, onde não há mais distância entre o humano e o divino. É nessa perspectiva que, o autor da carta aos Hebreus, na sua especificidade dentro de toda a Sagrada Escritura, descreve com profundidade teológica a configuração sacerdotal plena de Jesus e a redenção por ele alcançada. Ora, “isto constitui a Cristo como sacerdote perfeito, porque o une perfeitamente aos homens e ao mesmo tempo a Deus” (Vanhoye, 1979, p. 119). Assim, a mediação novamente se estabelece, de uma vez por todas, com Cristo.

Para tanto, a fim de compreender com mais profundidade o mistério sacerdotal de Cristo e os efeitos salvíficos de seu sacrifício insubstituível, torna-se necessário analisar a Epístola aos Hebreus, bem como sua teologia e relação com os demais elementos da Sagrada Escritura. A partir disso, é possível dizer que o culto vai da tenda ao Calvário, ganhando plenitude e eternidade na Cruz. Esse artigo, portanto, propõe-se a analisar desde alguns aspectos litúrgicos do Antigo Testamento, com seus significados e compreensões do sacrifício e do sacerdócio, considerando, em sequência, os elementos teológicos do sumo sacerdócio de Cristo, que, por fim, culmina na Cruz, na qual se inaugura um novo rito.

Na tenda: o sacerdócio e o sacrifício na liturgia ritual do antigo testamento

O judaísmo possui uma linguagem religiosa que não se fundamenta na razão, mas é impulsionada pela “força de uma experiência de vida marcada pela presença e pela Palavra de Deus” (Sante, 2004, p. 14). Desse modo, a fé judaica valoriza muito mais a ação simbólica, a fim tornar presente uma realidade transcendente e possui um linguajar parabólico próprio, para aproximar o destinatário da mensagem sagrada. Por isso, o ambiente judaico, em seu aspecto religioso e cultural, é “feito de ações, de palavras, de músicas, de movimentos, de atenção, de narrações, de silêncios, de mitos e ritos, o espaço histórico privilegiado, no qual Israel faz sua experiência do encontro com Deus” (Sante, 2004, p. 15).

Sabe-se que, sendo um termo tomado do vocabulário grego, não era utilizado apenas no meio religioso, pois *leitourgia* indicava, primeiramente, a ação em favor do povo. No entanto, termo liturgia na tradução grega do AT, chamada dos LXX, era o termo técnico que designava o culto público e oficial segundo as leis cultuais levíticas, que acontecia primeiro na tenda e depois no templo (Marsili, 1992, p. 639).

Nesse aspecto, a liturgia judaica, nos escritos do Primeiro Testamento, não possuía construções litúrgicas³ específicas relacionadas à ordenação do culto e aos atos sacrificiais, mas era constituída de uma estrita observância das prescrições sacrificiais e purificadoras (Bach, 2013, p. 818). Os códigos sacrificiais de Lv 1-7 e Nm 15 apresentam, de maneira completa e detalhada, os ritos a serem observados pelos hebreus, os quais haviam sido revelados pelo próprio Iahweh à Moisés. No entanto, se calam sobre as palavras que devem acompanhar esses gestos e ações, tanto da parte do sacerdote como dos fiéis (Bach, 2013, p. 819). Apesar de parecer desordenada e livre, a liturgia judaica não está marcada por um desleixo, fruto de uma manipulação pessoal, mas possui uma estrutura rigorosa e profunda.

Por conseguinte, o cuidado do culto foi confiado aos filhos de Caat, os levitas, uma vez que “Iahweh destacou a tribo de Levi para levar a Arca da Aliança de Iahweh e ficar à disposição de Iahweh, para servi-lo e abençoar em seu nome, até o dia de hoje” (Dt 10, 8). A tribo de Levi tem por herança o próprio Senhor, por isso a função sacerdotal confiada foi transmitida de geração em geração, mantendo-se um zelo intransigente, sendo considerados os melhores defensores e propagadores da fé javista nascente (Auneau, 1936, p. 16).

Nesse ambiente litúrgico constata-se que o sacerdote (כֹּהֵן - *kohen*) não é uma figura originária do povo hebreu, institucionalizada na tribo levítica, mas este substantivo já era atribuído, na maioria das religiões, aos especialistas do sagrado, seja na cultura egípcia, mesopotâmica ou pré-islâmica. Uma análise etimológica descreve que o substantivo *koren* é incerto, pois “para alguns o s. é aquele que se mantém diante de Deus para servi-lo (raiz *kwn*, estar parado, estabelecido); para outros, aquele que se inclina diante, rende homenagem (segundo o acádio *kānu*)” (Conthenet, 2013, p. 1190). Contudo, o sacerdócio, em alguns momentos

³ As construções litúrgicas, nesse contexto, podem ser entendidas como a ordenação e realização dos ritos, uma vez que “o interesse dos autores bíblicos se volta menos para as construções litúrgicas formais do que para o fato sacrificial e para a estrita observância das prescrições em vista da pureza e da exatidão dos sacrifícios” (Boudart, 2013, p. 818).

da história, não esteve restrito apenas a esfera religiosa, mas estendeu-se também à política, ora o próprio Melquisedeque era também rei. Já em outras culturas o sacerdote exercia funções de exorcista ou adivinho, ao passo que também era um simples perito cerimonial ao lado do chefe de Estado ou da personalidade política, que em momentos raros, realizava a ação sacrificial (Baroffio, 1992, p. 1029).

Todavia, a concepção israelita do sacerdote, enquanto aquele que serve como ministro, desempenhando as funções litúrgicas no Templo, só foi surgir no tempo da monarquia em Israel. No entanto, o exercício da função sacerdotal já acontecida muito antes⁴, pois na “hora de sacrificar os homens eram seus próprios sacerdotes (Gn 4, 3; Jó 1, 5), mas já na época de Noé o trabalho sacerdotal havia-se tornado responsabilidade do chefe da família patriarcal (Gn 8, 20; 12, 8; Jó 1, 5; Ex 19, 22)” (Payne, 1998, p. 705). Assim, o sentido teológico da função sacerdotal está em ser o mediador da relação entre Deus e o povo; é por isso que essa missão ganha destaque e importância, por excelência, na pessoa de Moisés. “A ele vários trechos se atribuíram explícitas funções sacerdotais posteriores, e a ele também se refere à investidura sacerdotal dos filhos de Aarão (Nm 15 – 17)” (Baroffio, 1992, p. 1030). Os primeiros a serem chamados de sacerdotes na Sagrada Escritura são: Melquisedeque⁵, que ofertou os frutos da terra, o pão e o vinho, trazidos por Abraão, e os abençoou (Gn 14, 18); e Jetro (Ex 18, 12), que apesar de não lhe ser atribuído o substantivo *koren*, é ele o chefe da família que ofereceu um holocausto e sacrifícios a Deus.

Os levitas, sem nenhum impedimento e devidamente preparados para o exercício ministerial (Lv 21, 17-24), eram investidos como sacerdotes (Ex 32, 26-29), possuíam funções específicas ligadas ao culto e a religiosidade de Israel, competindo-lhes oracular, ensinar e sacrificar. Segundo Andrade (2013, p. 250), a consagração do levita para o serviço sacerdotal se dava em um rito de “aperfeiçoamento” ou “plenificação”, que significava o recebimento do dom para aproximar-se das realidades divinas (o altar). Possuem, ainda, direitos sobre o povo, pois exercem determinada autoridade e gozam de respeito entre os hebreus, por isso deveriam receber as primícias, bem como dos sacrifícios eles “recebem a espádua, as mandíbulas e o estomago” (Auneau, 1936, p. 30).

4 Cf. Caim e Abel (Gn 4, 3 ss.), Noé (8, 20), Abraão (22, 13); Jacó (31, 54; 46, 1).

5 Posteriormente em Hb 7, 1, Melquisedeque é mencionado como figura do próprio Cristo, o sumo e eterno sacerdote.

No entanto, a Torá e a cultura judaica destacam a figura do sumo sacerdote (*kôhen gadôl*), o qual refere-se ao chefe cuja natureza ministerial consistia na dimensão cultural, a fim de cumprir a expiação pela comunidade. “O poder maior estava com o sumo sacerdote. Este era o chefe do Sinédrio, o grande conselho de setenta e uma pessoas” (Gass, 1992, p. 63). Além disso, existem outras obrigações e privilégios da função do sumo sacerdote, dentre as quais destaca-se: a permissão para entrar no Santos dos santos, uma vez ao ano; poderia tomar parte na oferta de um sacrifício; a presidência do grande conselho, o Sinédrios; devia officiar no Dia das expiações (Lv 16); pagar um novilho imolado em sacrifício pelo pecado (Lv 16, 30), bem como a quitação das despesas para construção da ponte do Cédron; e por fim, cuidar de observar as prescrições para guardar a sua pureza (Jeremias, 1983, pp. 210 – 213). Existia ainda, na hierarquia religiosa judaica, o chefe dos sacerdotes, que em grau de poder e respeito, estava abaixo do sumo sacerdote, pois era o assistente próximo do sumo sacerdote nas celebrações e possuía a responsabilidade de fazer com que o rito acontecesse como o previsto.

Desse modo, o sacerdócio e o sacrifício estão intimamente associados, uma vez que este busca estabelecer ou restabelecer uma ligação pessoal com Deus, exprimido submissão ou implorando auxílio, por isso é chamado de dom consagrado, oferta ou oferenda (Nenheuser, 1992, p. 1070); aquele, por sua vez, é responsável por ofertar o dom sagrado e mediar a relação com Deus. Em suma, significam a aliança entre Deus e seu povo. Na liturgia judaica os sacrifícios se dividem em holocaustos, sacrifícios expiatórios, os de reparação e os sacrifícios de comunhão, os quais eram todos entregues e deixados aos sacerdotes (Jeremias, 1983, p. 277). Para tanto, os primeiros capítulos do Levítico descrevem com detalhes estes sacrifícios e suas especificidades (Lv 1 -7), como também os rituais de purificação e cerimônias sagradas para se apresentar na presença do Senhor.

Deus não se encontra em qualquer lugar, apenas num lugar santo. Também aqui se trata de uma questão de separação. O lugar santo é um espaço reservado ao culto, interdito ao público. Para poder entrar no lugar santo, o sacerdote deve cumprir um ritual que lhe prescreve a realização de cerimônias sagradas em determinados momentos sagrados; a mais significativa dessas cerimônias é o “sacrifício”. (Vanhoye, 1980, s/p, tradução nossa)

O holocausto (de raiz *alah* = subir) seria a mais sublime oferenda, na qual a vítima era inteiramente consumida, por isso pode ser entendido,

segundo a própria etimologia, como o “sacrifício no qual a vítima ‘sobe’ sobre o altar, ou, talvez melhor, cuja fumaça ‘sobe’ para Deus (Monloubou, 1985, p. 12). Portanto, este é o ato de homenagem mais perfeita, capaz de exprimir um dom, a oferenda por excelência (Lv 1), por isso ele abre o código ritual do livro do Levítico. Além disso, possui também um valor expiatório, atribuído pelo sangue da vítima (Monloubou, 1985, p. 12). Nessa perspectiva, o sentido primordial por detrás destes sacrifícios é de confirmar o Senhor como autor do dom da vida, fazendo com que o cheiro do abate, misturado ao da combustão e ao incenso possa apresentar ao Senhor uma oferta de perfume apacador (Turner, 1999, p. 125). Sacrificar, portanto, tem a conotação de tornar a oferta sagrada, agradável. Por isso, “o ritual consiste nas seguintes etapas: “a apresentação da vítima, o abate, a aspersão do altar, a remoção da pele e dissecação da vítima, ato de lavar centras parte se cremação” (Faley, 2012, 163).

Os sacrifícios expiatórios, que se dividem em sacrifício pelo pecado (Lv 4, 1 – 5, 11) e sacrifício de reparação (Lv 5, 14-25), caracterizam-se por restabelecer as relações com Deus através de uma oferta que possui caráter remissório. Porém, na liturgia judaica é conferida uma significativa importância também ao “sacrifício pelo pecado” (Lv 4, 1-5. 13; 6, 17-23), dado que o sangue, o qual é princípio vital, faz a expiação pela vida (Lv 17, 11); por conseguinte, o oferente não tem parte na distribuição das carnes (Monloubou, 1985, p. 13). É pela oferenda agradável a Deus que o pecado é redimido. Os sacrifícios de reparação constituem-se na restauração da comunhão depois de se “cometer uma ofensa e pecar por inadvertência, reduzido os direitos sagrados de *lahweh*” (Lv 5, 15). Por isso, esta oferta “restituirá aquilo que o seu pecado reduziu no direito do sagrado” (Lv 5, 16).

O sacrifício de comunhão, por sua vez, caracteriza-se pela imolação da vítima e a sua partilha entre Deus, o sacerdote e o oferente. “Na época antiga, este tipo de sacrifício era o mais frequente e formava o rito central das festas, exprimindo de modo eminente a comunidade de vida e relação de aliança e de amizade entre o fiel e seu Deus” (Nota b da *Bíblia Jerusalém*, p. 164). Este sacrifício pode possuir caráter festivo, como um tributo apresentado e entregue a Deus, no qual ele recebe a parte mais nobre, ofertada no altar, podendo os oferentes se alimentarem com as sobras, por isso é chamado de “comunhão”, visto que se estabelece um vínculo com Deus pelo altar. Contudo, mais do que os outros ritos, “o sacrifício de comunhão oferecia aos fiéis a possibilidade de serem introduzidos numa relação mais profunda com Deus, especialmente graças

ao alimento ‘santo’ que consumiam” (Monloubou, 1985, p. 12). Contudo, este sacrifício não deve ser confundido com uma refeição tomada com Deus, porque apesar de se estabelecer uma estreita relação com Deus “pelo sacrifício de comunhão, nem por isso os israelitas se tornaram os ‘comensais de Deus’: ‘não se trata de uma refeição que Deus partilha com seus fiéis” (Monloubou, 1985, p. 12).

Esses dois elementos, o sacrifício e o sacerdócio, ocupam, portanto, espaço especial na cultura de Israel, que foi escolhido como povo consagrado ao Senhor. “Vós sereis para mim reino de sacerdotes, uma nação santa” (Ex 19, 6). Como reino sacerdotal, para elevar louvores e súplicas de expiação à *Iahweh*, reuniam-se no Templo e oferecia sacrifícios, a fim de fazer com que o Senhor continuasse a manifestar sua benevolência e graça junto ao povo

O sumo sacerdócio de cristo e seu insubstituível sacrifício

“O tema mais importante da nossa exposição é esse: temos tal sacerdote que se assentou à direita do trono da Majestade nos céus” (Hb 8, 1). Nos escritos Neotestamentários a compreensão do sacerdote e sacrifício ganham novo sentido em Jesus Cristo. No entanto, a epístola aos Hebreus é o único escrito atribuir o título de Sumo Sacerdote a Jesus, assim “apresenta uma imagem que, à primeira vista, nada tem de sacerdotal segundo a concepção do AT e praxe nem sempre edificante do judaísmo tardio” (Baroffio, 1992, p. 1031).

Aos olhos dos espectadores as atitudes e as falas de Jesus configuram-se muito mais a um profeta, do que um sacerdote. Haja vista que, demonstrava pouca preocupação com a pureza ritual. Por isso, “se confronta com o sistema de separações rituais, cujo cume, como já dissemos, é a oferta sacrificial” (Vanhoye, 1980, s/p, tradução nossa). E ainda, sua família não era da linhagem sacerdotal, a qual estava a serviço do culto. Existem, porém, alguns estudiosos, que afirmam que nem mesmo a morte de Cristo configura-se como sacrifício, no sentido antigo do termo, uma vez que o sacrifício está ligado muito mais aos ritos de oferecimento do que a morte e o sofrimento da vítima (Vanhoye, 1980).

Para entender essa atribuição feita à Jesus Cristo, segundo a epístola aos Hebreus, é preciso notar que os escritos Veterotestamentários se abrem “ao evento da morte-ressurreição de Cristo exatamente porque os acontecimentos da sua vida são relidos em clave sacrificial, cultural e sacramental” (Baroffio, 1992, p. 1031). Assim, o sacrifício e o culto não estão associados ao Templo, mas ao Calvário. O altar se faz na cruz,

o cordeiro imolado é o próprio Jesus, que também é o sacerdote que oferece a mais perfeita e agradável oferta a Deus para remissão dos pecados da humanidade. Ora, “Cristo não colocou os pecados nos ombros dos outros – homens ou animais –, pôs os pecados dos outros em seus ombros” (Cantalamezza, 2012, p. 112). Pode-se, por isso, afirmar que:

Cristo foi reconhecido, por seguinte, como vítima que se põem em relação com Deus. Porém se fosse somente uma vítima passiva não poderia ser chamado sacerdote. Era preciso avançar mais e reconhecer que Cristo foi vítima voluntária. Também isto se demonstra, porque Cristo aparece em muitos textos que caminha para a paixão voluntariamente, em palavras e em ações: veio para servir...para dar sua vida...pela multidão: demonstra que a morte não é aceitação passiva, mas uma oferta voluntária. (Vanhoye, 1979, p. 117)

Além do elemento sacrificial e oblativo do sacerdócio de Jesus, nota-se que a classe dos sacerdotes estava separada de todo o povo, como uma classe superior, distante da realidade humana das pessoas. Em Cristo essa distância acaba, pois fazendo de sua existência um exercício sacerdotal, não faz outra coisa a não ser servir com a própria vida os humildes e simples. Desse modo, opera o princípio da caridade, que levada ao mais alto grau, salva e liberta todo gênero humano. Por isso, Andrade (2013, p. 250) afirma que o sacerdócio de Cristo se tornou solidário (Hb 2, 17), pois o fez em reparação dos pecados de toda a humanidade, a fim de que o gênero humano fosse glorificado nele. Isso configura o sacerdócio de Cristo a solidariedade:

Nessa plena solidariedade com o destino do homem marcado pela morte e nessa comunhão de vida com Deus na sua glória imortal, Cristo realiza a tarefa principal do sacerdócio: a mediação entre Deus e o homem. ‘Estabelecido eternamente perfeito’ (Hb 7, 28), oferecendo-se a si mesmo, Cristo apresenta a Deus um sacrifício único, cumprido de uma só vez e uma vez por todas (Cf. Hb 7, 27). (Baroffio, 1992, p. 1031)

Cristo realiza, portanto, um gesto de misericórdia, doando-se como oferta agradável a Deus, a fim de conquistar para os seres humanos, o que por força própria a humanidade nunca conseguiria: a salvação e a glória eterna. Por isso, torna-se solidário em relação aos homens, “é misericordioso visto que por experiência própria participou da nossa fraqueza (5,7; 12, 2) e por isso se tornou princípio de salvação para a humanidade” (Andrade, 2013, p. 252). Como os sacerdotes, Jesus Cristo toma parte da miséria humana e a transforma por meio do seu sacrifício redentor.

Em relação ao antigo sacerdócio percebe-se uma grande mudança substancial, pois “em vez de se falar de solidariedade e de misericórdia como condições do sacerdócio, exigia-se antes a severidade para com os pecadores, a proibição de qualquer compromisso com eles (Ex 32, 25-29; Nm 25, 6-13)” (Vanhoye, 1980, s/p, tradução nossa). Em Jesus, pelo seu sacerdócio solidário, aproxima-se o divino do pecador, à salvação do miserável.

Apesar do caminho sacerdotal de Cristo afastar-se dos elementos veterotestamentários, desde início as comunidades cristãs consideraram e celebraram a vida de Jesus como uma perfeita oferta, que culminara na cruz. “Com sua doutrina e vida Jesus desmascara e quebra o mecanismo do bode expiatório que sacraliza a violência., tornando-se ele, inocente, a vítima de toda a violência” (Cantalamezza, 2012, p.112). Pode-se, portanto, destacar três marcas eminentes do sacerdócio de Cristo, segundo Baroffio, (1992, p. 1032): a misericórdia, a fidelidade nas coisas que se referem a Deus e o caráter messiânico e universalista.

“Convinha, por isso, que em tudo se tornasse semelhante aos irmãos, para ser, em relação a Deus, Sumo Sacerdote misericordioso e fiel, para expiar assim os pecados do povo” (Hb 2,17). Desse modo, Jesus não age com hipocrisia, mas com compaixão, assumindo a natureza humana, exceto no pecado, para salvar, mediante a morte de cruz, o gênero humano. Portanto, a misericórdia, culminada no sacrifício redentor, é o que possibilita Cristo as condições necessárias para vir em socorro os que são provados (Hb 2, 18).

A fidelidade às coisas de Deus é outro atributo que também perpassa a vida e a identidade sacerdotal de Jesus Cristo. Uma vez que, correspondendo ao projeto do Pai, é fiel (Hb 2, 18). O autor da epístola aos Hebreus, ao dizer sobre a fidelidade de Jesus, compara-o a Moisés (Hb 3, 2). Contudo, é importante destacar:

Jesus tem direito ao título de sumo sacerdote porque é acreditado perante aquele que o constituiu como tal (3, 2). Exceto na tradução ecumênica da Bíblia, quase todas as traduções se enganam aqui, porque falam de fidelidade e dizem que Jesus é fiel àquele que o constituiu. A palavra grega aqui utilizada tem certamente este significado noutros contextos, mas o seu significado primeiro é o de digno de fé. (Vanhoye, 1980, s/p, tradução nossa)

Nessa perspectiva, há uma comparação feita em relação à Moisés, entendido como íntimo de Deus e seu representante diante do povo (Nm 12, 1-8). Cristo também goza de uma intimidade, que, no entanto, é muito

maior e mais perfeita que a de Moisés, por isso a sua glória é sublime. “Moisés tinha o seu lugar na casa de Deus como servo (3,5), enquanto Cristo tem autoridade sobre a casa de Deus como Filho (3,6)” (Vanhoye, 1980, s/p, tradução nossa). Além disso, o paralelismo entre Jesus e Moisés recorda os feitos de libertação: a Páscoa e o Êxodo. “Gozando plenamente da confiança do Pai, Cristo mostra igualmente a sua fidelidade para o com o homem: a sua misericórdia é assumida na relação filial” (Baroffio, 1992, p. 1032).

Contudo, na epístola aos Hebreus o maior destaque comparativo, com uma figura veterotestamentária, dá-se colocando em relação Jesus Cristo e Melquisedeque. O rei de Salém, proclamado como “Rei da paz” (Hb 7, 2) compartilhou de condições análogas à Cristo, pois não era da tribo levítica, a qual era consagrada aos sacerdotes; mas, “foi a ele que Abraão entregou o dízimo de tudo” (Hb 7, 2), do qual pode-se dizer até mesmo a oferta de Levi (Hb 7, 9), por isso era maior que qualquer levita. Apesar das contrariedades que lhe são próprias, a figura de Melquisedeque anuncia o tempo messiânico, no qual haverá uma “substituição deste sacerdócio eterno no lugar do antigo” (Nota c da *Bíblia de Jerusalém*, p. 2091). A seu modo, de maneira sublime e plena, Jesus Cristo é sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (Sl 110, 4), no entanto seu sacerdote é imutável e os efeitos de sua oblação estende-se de Sião até os confins da terra, para sempre (Hb 7, 24). Assim, Cristo cumpre-se os prelúdios messiânicos anunciados no sacerdócio do Rei de Salém.

É em razão deste novo sacerdócio que ab-rogou-se prescrição anterior, que era fraca e sem proveito (Hb 7, 18). “Nesse sentido é que Jesus se tornou a garantia de uma aliança melhor” (Hb 7, 22). Por isso, antes de ser entregue, disse: “Bebei dele todos, pois isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados” (Mt 26, 27 – 28). A boca de Jesus proclama uma nova Aliança, a qual seria selada com o seu próprio Sangue, o que pode ser interpretado em analogia com o sacrifício realizado por Moisés (Ex 24, 6-8). Porém, o paralelo entre Cristo e Moisés manifesta a superioridade do primeiro enquanto ‘apóstolo e sumo sacerdote da nossa confissão de fé’ (3, 1)” (Cothenet, 2013, p. 1191). Assim, Cristo faz-se de sua vida oferta agradável e seu sangue, derramado por nós, no altar da cruz, oferta e sacrifício de suave odor (Ef 5, 2)⁶. Portanto, “a perfeição’ de Cristo como

⁶ Apesar da expressão “sacrifício” e “oferta” estar associado a Cristo em outros textos bíblicos, como o de Efésios, apresentando “conotações sacerdotais, nenhum desenvolvimento sistemático é proposto; a carta aos Hebreus conserva toda a sua originalidade” (Auneau, 1994, p. 64). Na epístola aos hebreus a expressão

sumo sacerdote é em tudo diferente: outra tenda, outro santuário, outro sangue, outra oferenda, outra aliança” (Andrade, 2013, p.252).

Com o sangue Jesus se estabelece uma Aliança definitiva, que eleva a plenitude a relação entre Deus e os homens. Para tanto, epístola aos Hebreus (9, 11) demonstra que “Cristo, porém, veio como Sumo Sacerdote dos bens vindouros”, ou seja, todo seu exercício ministerial o fez não um homem ocupado com o vazio ritualismo antigo do templo, mas um ungido dispensador da graça e dos bens do Reino dos Céus. “Os bens são futuros em relação às vantagens da antiga situação sob o domínio do templo, do sacrifício e dos sacerdotes” (Gass, 1992, p. 61). Torna-se possível, portanto, pelo sacrifício salvador do Sumo e Eterno Sacerdote, saborear dos frutos eternos, da vida nova.

Assim como o sumo sacerdote travessava cada ano o Santo para fazer a expiação dos pecados no Santo dos Santos, assim também Cristo atravessou o “Santo” da Tenda Celeste (v. 11b) para chegar à presença de Deus no “Santo dos Santos” do céu (v. 12). Os autores de Hebreus podem ter pensado nos céus inferiores atravessados por Cristo na ascensão para chegar ao céu superior, onde se imaginava residir a majestade divina (cf. 1,3). Essa “tenda” é também o próprio corpo de Cristo ressuscitado (Jo 2, 21). (Gass, 1992, p. 61)

Jesus Cristo entra no santuário não pelo sangue de animais, mas pelo seu próprio sangue derramado na cruz. Desse modo, pela plenitude se seu sacrifício, Jesus entra de uma vez por todas, alcançando uma libertação definitiva e irrevogável, sublime e eterna. O sacrifício de Cristo é superior em tudo aos sacrifícios antigos, os quais purificavam somente os corpos, o de Jesus purifica as consciências das obras mortas para servir a Deus.

No calvário: novo o culto inaugurado na cruz

Santo Tomás de Aquino ao escrever o *Pange lingua*, hino eucarístico elaborado para a Solenidade de Corpus Christi, a pedido do Papa Urbano IV, nas suas últimas estrofes afirma: “*Et antiquum documentum Novo cedat ritui*”, o que a liturgia no Brasil traduz e canta como “Pois o Antigo Testamento deu ao Novo seu lugar”, contudo para ser fiel ao texto original e comunicar seu verdadeiro sentido, deveria ser “E a antiga Lei cede lugar ao novo Rito”. Nessa perspectiva, o hino está associado estritamente o que afirmou a epístola aos Hebreus, por isso a Lei é entendida aqui

“sacerdote” e “sumo sacerdote” aparecem trinta vezes.

como “conjunto das obrigações reconhecidas por Israel como reveladas por Deus por intermédio de Moisés” (Buis, 2013, p. 797), as quais se desdobraram em inúmeras leis que foram impostas sobre o povo, as quais se organizam em grandes códigos: o Decálogo (Ex 20, 2-17), o código da aliança (Ex 20, 19-23, 19), a lei de santidade (Lv 19-26), o código deuteronomico (Dt 12-26). Nesse âmbito, a lei e as obrigações expressam a fidelidade à primeira aliança, contudo em Cristo realiza-se uma aliança plena, eterna e insubstituível, tornado, desse modo, velha a primeira (Hb 8, 13). Por isso, pode-se dizer que Tomás de Aquino cantou, em certo sentido, a mensagem da epístola aos Hebreus. Para tanto, esse assunto merece destaque e maior reflexão.

Na perspectiva ritual, aos moldes da primeira aliança, destaca-se por primeiro, o tabernáculo da primeira aliança (Hb 9, 1-5), esta que “teve um conjunto de ritos (“ritual”) que disciplinava o culto divino. Tinha também um lugar para esse culto, o templo” (Gass, 1992, p. 60). Para tanto, torna-se necessário descrever como era constituído o este ambiente de culto, que se dava no templo, com estrutura conforme ao santuário erguido por Moisés no deserto, que tem seus espaços organizados em dois espaços importantes: a primeira tenda, chamada Santo em que estava “o candelabro, a mesa e os pães da proposição” (Hb 9, 2); a segunda tenda, por sua vez, chamada de Santo dos Santos, que estava separada por um véu e nela continha a arca da aliança. Contudo, vale ressaltar que:

Os autores de Hebreus seguem uma tradição diferente. Menciona-se logo após a arca da aliança bem como o que nela se encontrava: o vaso com maná (Ex 16, 32-34), o bastão de Aarão (Nm 17, 16-25) e as tábuas da aliança (Ex 16, 32; 25, 16; 40, 20; Nm 17, 25). No entanto, sabemos da Bíblia (Dt 10, 1-15 Rs 8, 9) e do historiador Flávio Josefo (Ant. 8, 4) que dentro da arca se encontravam apenas as tábuas da lei. (Gass, 1992, p. 60)

Apesar dessa discordância de dados específicos do ambiente do Templo, os versículos seguintes (6-10) apresentam uma crítica frente ao antigo culto, aos sacrifícios e oblações oferecidas, pois estes feitos não abrem caminho para o Santuário, não conseguem pela força sua força própria “aperfeiçoar a consciência de quem presta o culto” (Hb 9, 9). Ora, os sacrifícios antigos, na cabeça dos hebreus, poderiam mudar a Deus e fazer com que ele agisse diferente, por isso não aperfeiçoava em nada o ofertante. Assim, os sacrifícios se encerravam apenas na materialidade do culto, sem nenhum tipo de transformação espiritual. Com efeito, “não é a Deus que os sacrifícios devem mudar, mas o ofertante. As antigas

oferendas rituais eram deficientes, porque eram ‘sem eficácia para aperfeiçoar a consciência de quem presta o culto’ (Gass, 1992, pp. 60 – 61).

Chega-se, portanto, segundo Vanhoye (1980, s/p), ao motivo mais profundo dessa situação problemática para o autor da epístola aos Hebreus, porque percebe-se que mesmo que houvesse um caminho conhecido, de acesso à Deus, não seria possível percorrê-lo sem se aproximar do próprio Senhor, já que não havia sacrifícios dignos e agradáveis ao Senhor, pois, para o povo judeu, a aproximação de Deus não se dá caminhando, mas oferecendo. No entanto, oferecer um sacrifício que se encerra em si mesmo e não possui capacidade de “purificar a nossa consciência das obras mortas para que prestemos culto ao Deus vivo” (Hb 9, 14), não possibilita uma relação com Deus. As separações que se estabeleceram entre o povo e o sacerdote, o sacerdote e a vítima oferecida, e, sobretudo, a cisão entre Deus e o povo, demonstram que a antiga aliança sofria do mesmo mal que o culto, o de uma exterioridade irremediável (Vanhoye, 1980, s/p).

Assim, o sacerdócio antigo e o culto do templo não conseguiam mais realizar seu objetivo primordial: mediar a união do povo com Deus. A crítica desses versículos (6-10) refere-se ao “Yom Kippur, o Dia do Grande Perdão, e, já que era um sacrifício de sangue, serve ao propósito do autor como modelo para a morte sacrificial de Jesus” (MacRae, 1999, p. 314). Já que a via do santuário não está aberta, somente um novo caminho, inaugurado com a sacrifício de Jesus, permitirá que a comunhão seja estabelecida e um novo Santuário se erga. Ora, “o véu que se rasga por ocasião da morte de Jesus (Mt 27, 51) simboliza o fim do velho culto, permitindo ao povo o acesso direto a Deus” (Gass, 1992, p. 60).

O novo culto que inaugura o sacrifício da cruz, ao invés de transparecer separações, une os homens à Deus. “Isto é posto de relevo na mesma carta dizendo que Cristo por obediência a Deus se união aos homens até às ultimas misérias de sua condição: semelhante a eles em tudo, menos no pecado, e assim foi aceito por Deus” (Vanhoye, 1979, p. 119). Por isso, o autor da epístola aos Hebreus o proclamou como “sumo sacerdote dos bens vindouros” (Hb 9, 11), pois com o seu sacrifício, no altar da cruz, transforma toda a humanidade e resgata o homem da sua condição de pecado. É maior, é mais sublime que os outros sacrifícios pela perfeição do oferente, pela plenitude do sacrifício e pelo efeito que se alcança. Com o sacrifício de Cristo o Yom Kippur é superado e o dia da grande reconciliação torna-se o dia da morte de Jesus.

Neste caso não existe separação entre a vítima e o sacerdote; é Cristo quem se oferece a si mesmo. Tampouco há separação entre o povo e o sacerdote; esta é a nota específica do sacrifício de Cristo, que é ao mesmo um ato de união a Deus e união aos homens. [...] Portanto, para chegar a ser sacerdote, em vez de separar-se do povo, se uniu a ele; e assim o esquema do culto da Igreja é contrário ao esquema do Antigo Testamento. Tudo em união, nada em separação; a única separação é a do pecado. (Vanhoye, 1979, p. 119)

Desse modo, “são supressos os ritos antigos, os sacrifícios de animais: passa-se do culto ritual ao culto verdadeiro, real” (Vanhoye, 1979, p. 119). O sacrifício de Jesus Cristo, portanto, cumpre e supera todos aqueles que eram prescritos e exigidos na tradição antiga, pois tudo o que era prefigurado e anunciado com essas práticas, obteve, em Cristo, sua perfeita e plena realização. “Com efeito, precisamente no dom do corpo torturado de Jesus, verifica-se a transformação realmente re-criadora, que em vão e desde sempre os antigos haviam esperado dos seus sacrifícios” (Nenheuser, 1992, p. 1071).

A epístola ao Hebreus destaca-se, entre todos os escritos do Novo Testamento, porque apresenta o verdadeiro e real significado do sacrifício, interpretando-o na sua dimensão salvífica. Livrementemente se entregou, “como cordeiro conduzido ao matadouro” (Is 53, 7), fez-se vítima, como um pecador, mesmo não tendo pecado, e um humilhado, morrendo para resgatar os que na morte habitavam.

Esse sacrifício é simultaneamente sacrifício da aliança, sacrifício de expiação e sacrifício pascal. O seu efeito salvífico consiste, por seguinte, no ato de selar a nova aliança, na expiação purificadora e santificadora e na redenção. Com vasa na epístola aos Hebreus devemos dizer: ‘a morte de Cristo é sacrifício escatológico, oferecido uma vez por todas e definitivamente, para a eliminação dos pecados em virtude da força expiadora do seu sangue; a auto-oferta perfeita do sumo sacerdote neotestamentário; obra salvífica única...’ (Nenheuser, 1992, p. 1071)

Jesus Cristo, como sacerdote dos “bens vindouros” (Hb 9, 11), consegue, com a sua morte e ressurreição, alcançar para todo gênero humano a plenitude da vida eterna. Por isso, além de ser, por excelência, a perfeita oblação salvífica é também o único sacrifício que conseguiu oferecer aos seres humanos um bem eterno, de caráter escatológico, o qual é promessa e herança. Assim, o “sacrifício expiatório da Cruz franqueou o caminho para o genuíno ‘Santo-dos-Santos’ de Deus, de modo que os fiéis possuem desde agora a ‘verdadeira essência das coisas’ (10, 1), e podem

achegar-se ao Santuário celestial e à dadivosa presença de Deus” (Terra, 1979, p. 123). Portanto, o acontecimento da cruz é o ápice e a plenitude desse sacrifício salvador. Ora, do mesmo modo que se aplica a identidade sacerdotal à vida de Jesus, também pode-se configurar a vida toda de Jesus como uma ação sacrificial, pois isso é válido destacar que o “evento da encarnação já é abertura (*ouverture*), primeiro passo para a *prosphorá* de Jesus como ação sacrificial” (Nenheuser, 1992, p. 1071).

O sacrifício perfeito e eterno, que rompe com o culto e o antigo rito é precedido pelas palavras de Jesus, que apontam para o sangue da nova e eterna aliança (Mc 14, 24). Contudo, nessa perspectiva, vale destacar que:

As palavras de Cristo “Este é o cálice de meu sangue que será derramado por vós” são a prova (nenhuma crítica conseguiu até agora derrubá-la) de que ele aceitou e deu um sentido bem determinado à sua morte, independentemente das intenções daqueles que a decidiram e das circunstâncias externas em que ocorreu. Não a sofreu simplesmente, mas a aceitou. Também nesse sentido a Eucaristia é um “testamento”, o “novo e eterno testamento”: contém a “última vontade” de Cristo. (Cantalamessa, 2012, p. 47)

A redenção do gênero humano é o prêmio desta aliança eterna, estabelecida com o sangue de Jesus, por isso ela adquire e confirma o caráter também sacrificial, cruento e doloroso desse preço salvador. “Aí está a oposição entre o novo e o antigo culto (9, 14. 25. 28): para se oferecer a si mesmo foi necessário que o Cristo derramasse seu próprio sangue (9, 12)” (Terra, 1979, p. 129). No entanto, “há três elementos essenciais ao novo sacrifício (cf. 10, 10): a oblação voluntária, o corpo de Cristo e o valor decisivo deste acontecimento” (Terra, 1979, p. 132). Isso significa que foi por livre vontade que ofereceu sua vida, no altar da cruz, em favor da humanidade, a fim de expiar, (Hb 2, 17), purificar (Hb 1, 3; 9, 22), abolir da morte e do pecado (Hb 9, 26), redimir o gênero humano (Hb 9, 12. 15) e o santificar (Hb 2, 11). Por isso, é possível afirmar, por fim, que o sacrifício não se restringe à vida de Jesus e se encerra na cruz, mas tem seu cumprimento se dá na ressurreição.

O termo ou fim, a consumação última ou a divinização, é o santuário celeste. Esse sacrifício é, contudo, mais que uma simples passagem. O autor da carta nos recorda, com efeito, que tal sacrifício resulta do oferecimento livre do corpo de Cristo a Deus. Há um oferecimento total, uma completa adesão à vontade do Pai, que a essa passagem de Cristo ao santuário celeste dá seu sentido sacrificial. (Terra, 1979, p. 132)

Ao ressuscitar, Jesus Cristo não entra sozinho no santuário celeste, mas entra com ele a humanidade. Desse modo, reverbera aquilo que Agostinho proclamou ao afirmar que Jesus Cristo é “vencedor porque é vítima” (Agostinho, 2017, p.304), que conquistou não um prêmio que pode ser corroído pelas traças, mas eterno e pleno, dando-o aos seres humanos o penhor da glória eterna. Rompe-se a separação entre o humano e o divino

Considerações finais

A partir dessa perspectiva, é possível perceber que o caminho para o Santuário, onde acontece o perfeito culto e a plena comunhão com Deus se dá em Jesus Cristo. Desse modo, os sacrifícios antigos e o sacerdócio, ineficaz e falho na mediação, dão lugar ao culto novo, verdadeiro e eterno. “Tudo se cumpriu na fonte transbordante da Cruz” (Dilexit nos, n. 97) e nela se inaugurou, pelo sacerdócio solidário de Cristo, que aproximou os homens de Deus, um novo culto, que é pleno.

O grito de Jesus Cristo, no momento em que era imolado na Cruz, rompeu o véu de um tempo marcado por um ritualismo vazio, expresso nos sacrifícios que não eram agradáveis a Deus, pois os corações e as consciências não eram passíveis de conversão. Tentavam, por esses sacrifícios, expiar os pecados e reestabelecer a comunhão divina. No entanto, a salvação não era alcançada. “Jesus é, pois, o chefe da salvação, não simplesmente porque vai à frente e como primeiro atinge a consumação. Antes de tudo é o chefe através de sua ação, pela qual ele realiza a salvação para a humanidade” (Terra, 1979, p. 135).

Esses pressupostos mencionados na reflexão deste artigo permitem apontar, nestas considerações finais, para um olhar crítico sobre a consciência do culto, seu valor e prática na atual conjuntura eclesial. A falta da compreensão profunda do que se inaugurou na Cruz e, na sua plenitude, encontrou consumação na ressurreição, faz com que muito desçam do Calvário e voltem à tenda, para, do mesmo modo, continuar a elevar preces e ritos que não alcançam à Deus, não porque ele tenha se afastado da humanidade, mas porque os seres humanos ainda permanecem com os corações duros e longes de conversão.

É preciso que, diante desse cenário contemporâneo, no qual parece que, dia após dia, os corações se endurecem cada vez mais, se faça conhecer a mensagem de Cristo e a salvação por ele alcançada. De modo que, as pessoas aproximem-se do memorial da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, a fim de que, pela experiência pessoal com

o Salvador, tomem consciência da graça desse sacrifício redentor e comunhem do novo e eterno culto inaugurado na Cruz. Assim, com as consciências transformadas e com os corações convertidos, participando do único e perfeito sacrifício, torna-se possível experimentar os seus efeitos em todos os tempos, pois a salvação que transbordou na Cruz inundou a Terra.

Referências

- Agostinho. (2017). *Confissões*. (1ª ed.). Penguin Classics Companhia das Letras.
- Andrade, A. L. P. (2021, outubro 16). O sacerdócio de Cristo e a laicidade do sacerdócio: conforme a Carta aos Hebreus. *Estudos Bíblicos*. <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/276>.
- Auneau, J. (1994). *O sacerdócio na Bíblia*. (1ª ed.). Paulus.
- Bach, D. (2013). Liturgia na Bíblia. Em *Dicionário Enciclopédico da Bíblia* (1ª ed.) Edições Loyola, Paulus, Paulinas.
- Baroffio, B. (1992). Liturgia. Em *Dicionário de Liturgia* (1ª ed.). Paulus.
- Bíblia de Jerusalém (2002). (1ª ed.). Paulus.
- Buis, P. (2013). Lei. Em *Dicionário Enciclopédico da Bíblia* (1ª ed.) Edições Loyola, Paulus, Paulinas.
- Cantalamezza, R. (2012). *“Isto é o meu Corpo”: à luz de dois hinos eucarísticos* (3ª ed.). Edições Loyola.
- Conthenet, É. (2013). Sacerdote. Em *Dicionário Enciclopédico da Bíblia* (1ª ed.) Edições Loyola, Paulus, Paulinas.
- Faley, R. J. (2012). Levítico. Em *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo Antigo Testamento* (1ª ed.). Academia Cristã.
- Gass, I. B. (1992). O antigo sacrifício e o sacrifício novo de Cristo (Hb 9, 1-14). Em *Estudos Bíblicos* (1ª ed). Vozes.
- Jeremias, J. (1983) *Jerusalém no Tempo de Jesus: pesquisa de história econômico-social no período neotestamentário* (1ª ed.). Paulus.
- Macrae, G, W. (1999). Hebreus. Em Bergant, D. & Karris, R. J. *Comentário Bíblico: Evangelhos e Atos, Cartas, Apocalipse* (2ª ed.). Edições Loyola.
- Marsili, S. Liturgia. (1992). Em *Dicionário de Liturgia* (1ª ed.). Paulus.
- Monloubou, Louis. (1985) O Antigo Testamento à mesa. Em *A Eucaristia na Bíblia*. (1ª ed.) Paulinas.
- Nenheuser, B. (1992). Sacrifício. Em *Dicionário de Liturgia* (1ª ed.). Paulus.

- Payne, J. B. (1998) Kohen. Em: *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento* (1ª ed.). Vida Nova.
- Sante, C. (2004). *Liturgia Judaica: fontes, estrutura, orações e festas* (1ª ed.). Paulus.
- Terra, J. E. M. (1979) A libertação escatológica na epístola aos Hebreus. Em *Jesus Político e libertação escatológica*. (1ª ed.). Edições Loyola.
- Turner, W. A. (1999) Levítico. Em Bergant, D. & Karris, R. J. *Comentário Bíblico: Introdução, Pentateuco, Profetas Anteriores* (2ª ed.). Edições Loyola.
- Vanhoye, A. (1979). Cristo Sumo Sacerdote. Em *Jesus Político e libertação escatológica*. (1ª ed.). Edições Loyola.
- Vanhoye, A. (1980). *El mensaje de la carta a los hebreos* (1ª ed.). Editorial Verbo Divino.

ISSN: 2665-4369

Argumenta Biblica Theologica

Revista de Teología y Estudios Bíblicos



Editorial
Uniclaretiana